

## REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PESQUISA SOBRE OBJETOS/COISAS E DA CONSTRUÇÃO DE UM BANCO DE DADOS IMAGÉTICO

SARA CORADI<sup>1</sup>; PATRÍCIA DOS SANTOS PINHEIRO<sup>2</sup>; RENATA MENASCHE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UFPel 1 – [sara.coradi@gmail.com](mailto:sara.coradi@gmail.com) 1

<sup>2</sup>UFPB – [patriciasantspinheiro@gmail.com](mailto:patriciasantspinheiro@gmail.com) 2

<sup>3</sup>UFPel – [renata.menasche@gmail.com](mailto:renata.menasche@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui exposto faz parte da fase de finalização do Projeto *Saberes e sabores, objetos e imagens da colônia*, financiado pela Fapergs, e executado entre 2015 e 2016. Esse projeto, coordenado pela professora Renata Menasche e desenvolvido pela equipe do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC), deu continuidade à agenda de pesquisa Saberes e Sabores da Colônia, iniciada em 2011. As ações de iniciação científica, nesse contexto, destinavam-se à construção de um banco de dados imagético na forma de um site. Nesse sentido, foi possível organizar o material imagético reunido desde 2011 e, ao mesmo tempo, refletir sobre a cultura material no âmbito da antropologia e da arqueologia.

Buscou-se, através do estudo da alimentação, apreender modos de vida de grupos camponeses, dando atenção aos objetos, entendendo-os como partes integrantes da vida cotidiana dos grupos estudados. Deste modo, foi possível identificar e registrar objetos e técnicas do universo da alimentação da região colonial de Pelotas, brevemente descritos neste trabalho.

Tendo em vista que os objetos em questão permanecem, em uso, buscou-se trabalhar com autores que pudessem trazer discussões pertinentes aos campos da Antropologia e da Arqueologia, considerando que ambas as áreas se dedicam ao comportamento humano do ponto de vista social, cada uma com suas especificidades teórico-metodológicas.

Desse modo, aliando o trabalho etnográfico com a observação da cultura material, o campo de estudos que abarca os objetos da colônia, mostrou-se de grande riqueza.

### 2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, houve o contato com o extenso material imagético (fotos e vídeos) produzido no âmbito da já referida agenda de pesquisa, de forma a iniciar uma familiarização com o material. Foram de especial importância os vídeos, pois continham entrevistas e relatos das pessoas sobre suas vidas e memórias. Da mesma forma, saídas a campo em que houve atividades de restituição.

A escolha das fotos e das categorias foi realizada ao longo de reuniões em equipe. A construção das categorias foi pensada num sentido integrativo, evitando a separação por categorias de objetos específicos e priorizando o agrupamento por universos de sentido mais amplos. Como resultado, obtivemos: ‘caminhos, paragens e paisagens’; ‘lugares de morada, fazeres da terra’; ‘universo da cozinha’; ‘fazeres culinários’; ‘alimentar a cidade, consumir o rural’; ‘universidade em campo’.

Concomitante a isso, foi também realizada revisão bibliográfica, abarcando leituras sobre o tema em arqueologia e em antropologia, bem como sobre trabalho etnográfico.

As imagens estão sendo reunidas e organizadas no site da pesquisa, ainda em construção.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizado com base em materiais já recolhidos, buscou-se uma forma de aproximação de uma análise diferenciada da cultura material, pois esta se encontrava em uso, ao contrário do que acontece em muitas pesquisas arqueológicas em que não temos informações etnográficas. Deu-se atenção em especial a autores que trouxessem propostas interessantes para pensar a integração entre os objetos/coisas, humanos e meio ambiente.

Nesse sentido, foi interessante pensar a cultura material como uma 'coisa' (agregados de fios da vida/ambiente) que está viva, pois existe e interage com o meio em que se encontra, como propõe INGOLD (2012). Esse autor coloca que há uma diferença entre objeto e coisa. Objeto por definição se basearia na forma e material, seria algo fechado em si mesmo, enquanto que coisa seria um agregado de fios vitais, algo que faz parte do mundo vivo que está em fluxo contínuo e, dessa forma, ligando a vida das pessoas ao ambiente. As coisas estariam envoltas em seus próprios fluxos (de materiais) e envoltas nos emaranhados da vida (entendida como ambiente).

Poderíamos, assim, pensar as 'coisas' que existem na vida das pessoas, como interagem com o mundo, como vivem, como despertam memórias etc. Boa parte da concepção da organização do site do projeto vem dessa ideia de integração entre objetos, coisas e pessoas, pela criação de categorias abrangentes, que impeçam que os objetos apareçam como órfãos de pessoas e lugares.

Outro pensamento que pode ser relacionado é o de RUIBAL (2006). Ele apresenta uma forma de fazer arqueologia diferenciada, propõe uma arqueologia do presente. Tomando como base a etnoarqueologia, que trabalha com comportamentos humanos no presente para fazer analogias sobre comportamentos no passado (através de vestígios materiais), ele sugere um desmonte do pensamento ocidental, baseado no sistema dualista cartesiano, que vê o tempo como linear, passado e presente; humanos e coisas separados, para pensar que tudo existe no agora, que o passado e o presente coexistem, que objetos são reutilizados, sempre 'voltam'. Esse autor propõe trabalhar com uma 'topologia' das coisas (ao invés de cronologia), no sentido de mapear as relações entre diferentes tempos interconectados.

Esse pensamento é interessante na medida em que entende os objetos como reutilizados. Em campo, as coisas estão sempre com 'vida nova' e seria melhor ver as conexões entre elas, a memória ligada a elas, do que, por exemplo, trabalhar estabelecendo cronologias, no mais das vezes, alheias àquele meio. Construir um mapa de relações entre as coisas e as pessoas, mais do que apenas uma descrição de objetos. Não que isso sempre ocorra em trabalhos arqueológicos, em que se pensa sobre o contexto das coisas. Mas, a ideia de uma arqueologia do presente pode ser útil para deixar o pensamento sensível a novas informações de campo.

HODDER (2012) traz o conceito de *thing/coisa* em diálogo com os conceitos de *object/objeto* e '*entity*'. Se por um lado objetos seriam artefatos

materiais ‘contidos em si’, coisas seriam objetos de um ponto de vista da integração delas com o meio, das relações que estabelecem, do fluxo onde se inserem, do material de que são feitas. Elas não seriam isoladas, nem inertes.

As coisas existem na relação com algo, é na conexão e no fluxo que se definem como tais. Esse pensamento se relaciona com um movimento que prioriza o estudo do objeto em si, somente a materialidade, o estudo da vida dos objetos e como nós fazemos uso deles. Vem do pensamento ocidental dominante da separação objeto/sujeito, corpo/mente etc. No caso das coisas, esse autor busca direcionar o olhar para dar conta de uma visão mais ampla das relações entre coisas e humanos e suas conexões. Seria antes um olhar sobre as coisas do ponto de vista delas mesmas, mais do que um olhar sobre as coisas do nosso ponto de vista, pensando que é o que fazemos quando pensamos nelas como objetos apenas. É interessante pensar nisso na medida em que se fala de um contexto de relações entre coisas, humanos, meio ambiente e a vida das coisas.

O pensamento dos três autores se aproxima quando pensamos em uma forma integrativa de ver as coisas. Para exemplificar, um exemplo fictício de uma ‘coisa’ do campo em questão, uma chaleira: ela é feita de alumínio; passou por um processo de fabricação; foi usada dentro de casa; passou a ser usada como vaso de flor; está em contato com o meio, com o vento, água, terra; serve de enfeite; traz memórias; media relações invisíveis etc. Ou seja, existe em conexão e é mutável em suas funções. Nesse debate, o que se coloca não é estudar apenas o material/materialidade, tampouco apenas o significado das coisas, segundo o que achamos, mas sim os dois, dando conta das relações que os materiais mediam e da vida deles próprios.

#### 4. CONCLUSÕES

O site ainda está em processo de finalização porém a ideia de divulgação faz parte do processo de restituição da pesquisa aos interlocutores e interlocutoras e também à comunidade, de um modo geral.

A abordagem adotada vai no sentido de um pensamento integrativo do mundo e das diferentes áreas do conhecimento. É assim possível construir um olhar mais amplo sobre as coisas, que proporciona a sensibilização a partir de diferentes universos de significado que podem estar disponíveis em campo. Nesse sentido, acreditamos que o esforço de pensar em formas menos fragmentadas de análise agrega valor à pesquisa.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. The past is tomorrow: Towards an Archaeology of vanishing present. **Norwegian Archaeological Review**, v. 39 n. 2, p. 110-125, 2006.

HODDER, I. Thinking about things differently. In: HODDER, I. **Entangled: an Archaeology of the relationships between humans and things**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 1-14.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012.